

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E TRANSTORNO DA DISLEXIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Priscila Ligabó Murarolli*

Selma Helena Carrozza Tótoro**

Susana Gakyia Caliatto***

Recebido: 10 jul. 2013

Aprovado: 4 set. 2013

*Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS-MG/Brasil. Coordenadora e Professora do curso de Ciência da Computação da Faculdade de Tecnologia Ciências e Educação. FATECE, SP, Brasil. E-mail: plmurarolli@yahoo.com.br

**Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS-MG/Brasil. Psicóloga e Orientadora Educacional do Colégio Objetivo. Pouso Alegre, MG, Brasil. E-mail: selmahcarrozza@gmail.com

***Professora e pesquisadora do mestrado em Educação da Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS. MG, Brasil. E-mail: caliattosg@univas.edu.br

Resumo: Este artigo aborda as dificuldades de aprendizagem de uma criança com o transtorno de dislexia para relatar a experiência vivida por ela e pela equipe multiprofissional de uma escola do sul de Minas Gerais. Abordou-se teoricamente o fenômeno das dificuldades de aprendizagem e sua avaliação diante da aquisição do conhecimento. Foram levantadas na literatura da área educacional algumas concepções sobre as dificuldades de aprendizagem e mais especificamente aspectos do transtorno de dislexia, com o intuito de ilustrar o conhecimento necessário para abordar uma das principais problemáticas enfrentada pelas escolas diante da necessidade de atendimento a todos os estudantes e às suas famílias no serviço educacional de escolas públicas e privadas.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Dislexia. Transtorno de aprendizagem.

THE LEARNING DIFFICULTIES AND DYSLEXIA DISORDER: AN EXPERIENCE REPORT

Abstract: This paper approaches the learning difficulties of a child with dyslexia disorder in order to describe the experience lived by him and by the multi professional team from a school in the southern state of Minas Gerais [Brazil]. The learning difficulties phenomenon and its evaluation in face of knowledge acquisition was theoretically approached. Some learning difficulties conceptions were raised from the education field literature, more specifically aspects of dyslexia disorder, in order to illustrate the necessary knowledge to approach one of the main problems faced by schools in face of a need of care to all the students and their families in the education service of public and private schools.

Key words: Learning difficulties. Dyslexia. Learning disorder.

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Atualmente, observam-se diversas dificuldades relacionadas à aprendizagem, especialmente relacionadas ao desempenho escolar, e com isso acentuou-se a busca pela origem dessas dificuldades, bem como o diagnóstico e as tentativas de revertê-las. Algumas abordagens relacionam as dificuldades com problemas de ordem pedagógica e abrangem a metodologia utilizada pelas escolas e a ausência de estímulos adequados para ensinar e aprender. Outras hipóteses para a origem das dificuldades de aprendizagem têm relação com a capacidade particular de cada indivíduo em receber e processar as informações. Neste caso, Assumpção Jr. e Kuczynski (2012) descrevem que através da evolução humana ocorreu o desenvolvimento de estruturas cerebrais que permitiram que o homem fosse capaz de processar informações para resolver problemas, manipulando-os através de diversos símbolos com grande velocidade. Nessa evolução, os determinantes genéticos influenciariam os indivíduos determinando características distintas de cada um em relação a seus pares. As dificuldades de aprendizagem geralmente são classificadas como um grupo heterogêneo de manifestações cerebrais que tornam problemático o aprendizado (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2006).

Os transtornos de aprendizagem também sugerem a existência de comprometimento neurológico em funções corticais do cérebro que são específicas, e interferem no processo de aquisição do conhecimento ou da capacidade intelectual interferindo na leitura, escrita e matemática.

Rotta et al. (2006) descrevem a existência de diversos fatores envolvidos na aquisição de conhecimentos pelo estudante, ou seja, a aprendizagem de conteúdos escolares a saber: os fatores genéticos, os relacionados com a escola, com a família e fatores individuais de cada criança. Os fatores genéticos afetam a aprendizagem e estão relacionados a características de herdabilidade. Desse modo, constata-se que os estudos da variação do DNA buscaram explicar parte dos transtornos de aprendizagem por meio da identificação dos genes, de forma objetiva e concreta, porém não foi possível deixar de aliar a estas influências genéticas os fatores ambientais. O benefício dado pela identificação dos genes ligados ao aprender possibilitaria e facilitaria a intervenção mais precoce e efetiva sobre o problema durante o processo de aprendizagem.

Os mesmos autores descrevem os fatores envolvidos com as dificuldades de aprendizagem relacionados à escola que envolvem as condições arquitetônicas adequadas e

seguras, além de programas pedagógicos que atendessem diferentes realidades incluindo o corpo docente motivado e qualificado. A família ocupa papel fundamental de oferecer condições para o ensino-aprendizagem relacionado à estimulação e ao envolvimento com os estudos. Esse estímulo se dá por meio da aplicação dos pais aos filhos de uma rotina de estudo. Todavia também é importante que a família provenha cuidados básicos de alimentação, lazer, sono e bem estar geral. Consequentemente tais fatores referem-se à saúde física e psicológica, que também podem afetar o desenvolvimento fisiológico e da aprendizagem de cada criança.

Segundo Spear-Swerling e Sternberg (1996), as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a três grandes perspectivas: intrínsecas, extrínsecas e perspectivas mistas. Na perspectiva intrínseca, as causas da não aprendizagem são próprias ao sujeito, tendo assim origem na criança e são neurológicas, genéticas ou psicológicas. As perspectivas das dificuldades de aprendizagem extrínsecas têm origem no meio ambiente e social do estudante. Desta maneira, constata-se que a perspectivas mistas correspondem às características próprias do indivíduo aliadas às condições do meio externo que habita, considerando ainda as suas relações interpessoais. Para Lopes (2010), as dificuldades de aprendizagem na escola são tratadas como um híbrido de etiologias predominantemente intrínsecas e de intervenções predominantemente extrínsecas, o que gera modelos desequilibrados de explicação das causas e de intervenção sobre as mesmas.

As dificuldades de aprendizagem vistas sob as perspectivas de Spear-Swerling e Sternberg (1996) determinam que podem ser causadas por problemas inerentes à criança, mas a dimensão em que ela é afetada está condicionada ao ambiente em que vive. Patto (1991) acrescenta que essas dificuldades são afetadas por problemas de ordem social, política, econômica e cultural.

Smith e Strick (2001) mostram em seus estudos que as dificuldades de aprendizagem envolvem instruções, imaturidade social, problemas de comunicação, inflexibilidade, distração e falta de destreza ou coordenação. Montiel e Capovilla (2009) levantaram diversos estudos que evidenciam relações entre problemas de aprendizagem e traços de personalidade, a instabilidade emocional e os problemas de ordem psicossociais, que evidenciam que as emoções desempenham um papel importante para compreender o processo de aprendizagem das crianças. As crianças que apresentam estes problemas são classificadas como nervosas, desorganizadas, agitadas, impulsivas e irresponsáveis, ansiosas, com pobre autoconceito e com falta de controle, com problemas de ajustamento à realidade, desobediência, inquietude,

com comunicação deficiente, dificuldade de aceitação, com baixa tolerância à frustração entre outras características. Os autores levantam ainda que dificuldades de aprendizagem envolvem condições de ordem social como a interação, a rejeição e aceitação entre os pares, a popularidade, a representação social, a habilidade social, as expectativas, a persistência, a motivação, estima, autoconceito, expectativa dos pais, agressividade, autocontrole e autoeficácia.

Para os psicopedagogos a aprendizagem escolar evidencia o estudante como um ser histórico, um organismo cognitivo e emocional. Montivel e Capovilla (2009) advertem que as crianças com dificuldades para aprender enfrentam problemas diversos e reagem afetivamente as situações de pressão e conflito. Quanto a isto Visca (1991) sugere que as dificuldades de aprendizagem são sintomas expressos no mesmo momento em que está ocorrendo a aprendizagem e que o estudante pode superar se tiver ferramentas adequadas que são fornecidas por uma equipe de multiprofissionais que abrangem todas as áreas envolvidas.

AValiação E DIAGNÓSTICO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem devem ser diagnosticadas através de avaliações com o objetivo de compreender os problemas e a história da criança, avaliando a natureza dos problemas de aprendizagem, além de suas potencialidades e vulnerabilidades cognitivas e comportamentais, com o intuito de perceber a natureza da interação entre o ensino e a aprendizagem, chegando a uma formulação do problema que sustente recomendações ou prescrições para as crianças, sendo que os pais e professores devem levar em consideração para prosseguirem com as intervenções necessárias.

Segundo Lopes (2010), as situações de dificuldades de aprendizagem devem ser diagnosticadas e avaliadas o mais rápido possível na escola, para iniciar o quanto antes a intervenção. É fundamental que o avaliador seja de confiança, promovendo a aceitação do estudante, dos pais e professores. Os instrumentos devem possuir características que permitam uma avaliação eficaz do problema e forneçam pistas para a intervenção, lembrando que não é possível avaliar dificuldades em competências que ainda não foram ensinadas, devendo ser focalizada nas áreas deficitárias e nos processos envolvidos.

Avaliar é indispensável principalmente nas áreas curriculares da leitura, escrita, cálculo e resolução de problemas, mas também em áreas fundamentais como a motivação e as relações com o grupo, permitindo compreender como acontece o distanciamento do estudante

perante o currículo e a escola. A avaliação deve mostrar a trajetória da criança com dificuldades permitindo assim conceber perspectivas de intervenção. Assim como Norwich e Kelly (2004, p. 158 apud FARREL, 2008):

A fim de ser relevante para a educação, a classificação precisa ser feita em termos de currículo e ensino; em termos de metas de aprendizagem amplas e proporcionais, acesso e adaptação dos métodos de ensino e seu contexto. Foi argumentado que qualquer classificação adequada seria multidimensional e, [...] em termos do impacto de aprendizagem da provisão educacional, adicional e diferente.

As dificuldades de aprendizagem podem aparecer de forma moderada, grave, profundas e múltiplas, todavia, a avaliação proposta deve ser clara e realizada por um serviço pedagógico especializado, com o propósito de identificar e intervir. As dificuldades de aprendizagem aliadas às deficiências sensoriais e físicas, dificuldades de fala e de linguagem, dificuldades de aprendizagem específicas, dificuldades de aprendizagem graves e profundas, bem como de natureza comportamentais, emocionais e sociais, necessitarão de complementação de atendimento em um ambiente apropriado, além do horário previsto para as aulas comuns na escola regular (FARREL 2008).

Para Farrel , a partir da detecção das dificuldades devem-se propor intervenções que buscam abordagens de ensino e aprendizagem e a intervenção para superar os requisitos mínimos de aprendizagem da série que cursa o estudante em questão. As intervenções mínimas tratam da aquisição da escrita, da leitura, da numeralização, do desenvolvimento do raciocínio lógico e do cálculo. Providencias com relação à correção da fala e da linguagem bem como da comunicação, mesmo que seja necessário o encaminhamento a serviços terapêuticos de profissionais especializados.

Conclui-se que as dificuldades de aprendizagem são uma realidade e deve-se tomar uma decisão frente a elas, independentemente se a criança foi ou não diagnosticada.

TRANSTORNO DA DISLEXIA

Um transtorno de aprendizagem está ligado à dificuldade de aprendizagem e é determinado pela desordem de aprendizagem com características específicas, que afetam a cognição e impedem, em parte, a criança de adquirir um novo conhecimento. É comum que os transtornos prejudiquem o desenvolvimento da linguagem, da fala, da escrita e compreensão de palavras, e, muitas vezes, situações ou ambientes e interação social.

O transtorno de Dislexia é definido segundo o DSM-IV-TR (APA, 2002) e pode ser interpretado como um transtorno de aprendizagem, afinal ele é considerado um transtorno específico de aprendizagem, caracterizado por desempenho escolar na leitura e na escrita inferior ao esperado para a idade cronológica, escolaridade e ao nível cognitivo/intelectual do indivíduo, sendo considerado um distúrbio específico de aprendizagem, que se caracteriza pela demora na aquisição da leitura e da escrita.

Segundo Topczewski (2010), outras características podem ser observadas na produção escolar da criança disléxica, tais como a leitura lenta, hesitante e sofrida, compreensão difícil e limitada do texto, relutância para ler e escrever, estresse para leitura em voz alta, dificuldade para soletrar, déficit de memória visual, desorientação esquerdo-direta, lentidão para execução das tarefas escritas, erros ortográficos, dificuldade para memorização sequencial do alfabeto entre outros conteúdos que precisam ser lembrados. Além disso, observa-se a dificuldade de se organizar para o trabalho e adequar o tempo para a realização das tarefas, dispersão e desatenção.

Especificamente nas atividades de escrita é que é percebida a existência de várias distorções na aquisição desta habilidade quando o estudante é afetado pelo transtorno: confusão no uso de letras com sons semelhantes, inversões, supressão, adição, espelho, repetição, aglutinação de letras e divisão inadequada de sílabas. O transtorno da dislexia, ao que se refere à leitura, está associado a um déficit na manipulação mental dos fonemas e que não pode ser explicado pelo ambiente social inadequado ou desfavorecimento familiar, déficit sensorial ou cognitivo.

Com toda sua complexidade, a dislexia também está vinculada ao entendimento do processo individual de aprendizagem do estudante, pois apesar da descrição do transtorno deve-se considerar a história pessoal do estudante. Conviver com a dislexia será necessário, mais do que superá-la. Os apoios para superação das dificuldades apontadas pelo transtorno serão necessários, especialmente pelos professores, amigos e familiares, que devem compreender e vislumbrar novos meios e formas de aprendizagem. Desta forma, uma equipe multidisciplinar formada por psicóloga, fonoaudióloga e psicopedagoga é que inicia uma minuciosa investigação para averiguar e diagnosticar o problema. Esta equipe garantirá uma maior abrangência do processo de avaliação, de maneira que verificará a necessidade do parecer de outros profissionais, tais como neurologista, oftalmologista e outros, para então confirmar ou descartar o diagnóstico.

O parecer da escola e dos pais é utilizado pelos especialistas para levantar o histórico da criança e detectar a evolução da criança ao longo do convívio escolar. Porém, antes do diagnóstico, por meio do encaminhamento, a escola e a família devem iniciar um processo de intervenção nos problemas enfrentados pela criança.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

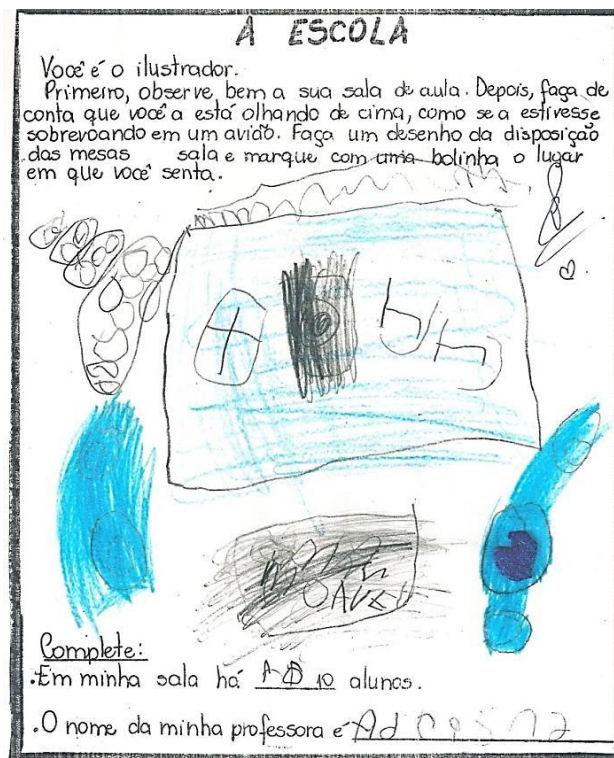
As dificuldades de aprendizagem podem surgir ou se manifestar especialmente no ingresso da criança na escola. A escola é o local mais propício a se reconhecer a manifestação das dificuldades de aprendizagem ligadas ou não a um transtorno. São vários os fatores que devem ser levados em consideração e que podem levar a um diagnóstico da dificuldade. As dificuldades de aprendizagem, bem como os transtornos se manifestam de formas e intensidades diferentes em cada criança, pois cada criança é única, e as estratégias educacionais deverão ser modeladas para atender às necessidades das crianças, colocando-as ao alcance das possibilidades de aprender.

No início do ano letivo de 2009, uma escola particular no Sul de Minas Gerais, recebeu uma criança do sexo masculino para o primeiro ano do Ensino Fundamental I, com sete anos de idade, e foi relatado pela mãe que o filho não tinha conhecimento das vogais e das consoantes, impedindo assim a leitura e a escrita.

A mãe enfatizou que a criança demonstrava ser inteligente em seus trabalhos do cotidiano, além de ser sociável e comunicativa com crianças e adultos. Segundo a mãe, o maior desinteresse da criança podia ser visto nas atividades escolares que realizava na escola de origem, sendo que a criança se transferia a escola referida neste relato. Nos trabalhos trazidos observava-se pouco cuidado no cumprimento das mesmas.

Observando-se o início dos trabalhos do aluno, no primeiro bimestre do ano letivo de 2009, este apresentou grandes dificuldades de leitura e escrita, em relação a seus pares, uma vez que não compreendia os respectivos conteúdos apresentados impedindo-o de escrever e ler palavras e frases. A dificuldade com a leitura não era esperada em sua faixa etária. Seus registros se davam por meio de rabiscos e desenhos sem definições concretas.

Figura 1 – Atividade da criança no início do primeiro bimestre de 2009.



A Figura 1 exibe uma atividade realizada pela criança, e que demonstra a maneira como desenhava, pintava e registrava respostas no início do primeiro bimestre do ano letivo de 2009. Por meio do exemplo dado, pode-se ainda apresentar características de suas produções observadas durante as aulas e na avaliação da escrita do estudante como o uso constante de círculos e a tentativa de desenhar algumas formas semelhantes a letras como garatujas. A pintura se caracterizava pelo traçado de linhas sem organização espacial, que não respeitavam os limites definidos.

Relata-se também que o aluno demonstrava pouca compreensão e dificuldade para seguir os comandos dados pela atividade, que era lida pela professora. De acordo com o esperado em sua idade de sete anos, o aluno apresentava defasagem de conteúdo e habilidades escolares. Avaliando as atividades e o desempenho da criança em sala de aula, a professora procurou a equipe de profissionais da escola, composta por psicóloga, psicopedagoga e coordenadora educacional, que se reuniram com a mãe da criança para realizar uma investigação do histórico da criança, com o propósito de averiguar possíveis motivos que levavam a dificuldades de aprendizagem.

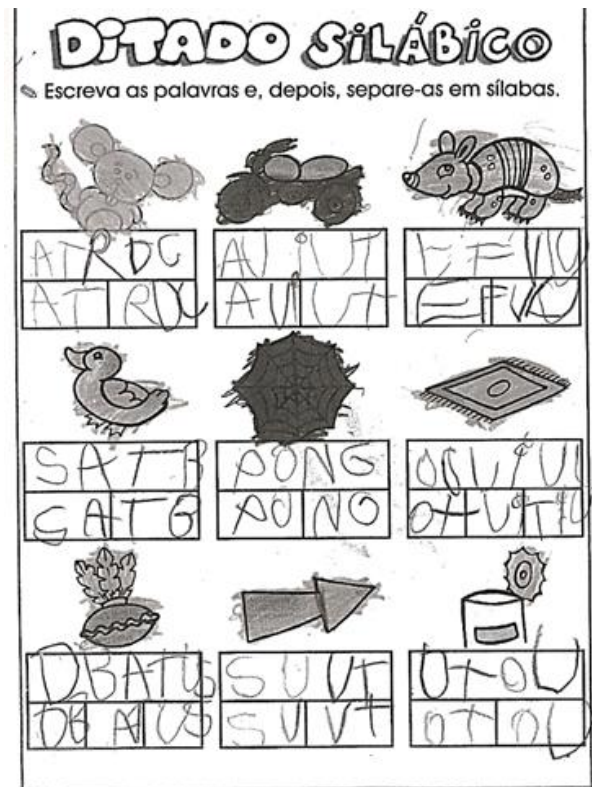
Durante a entrevista realizada com a mãe, a equipe observou um relato importante que chamou a atenção e foi fundamental para identificação do transtorno. Segunda a mãe, o pai também apresentou as mesmas dificuldades de leitura e escrita durante a infância, e aos 13 anos de idade o pai abandonou seus estudos, devido aos grandes problemas que enfrentava em sua fase escolar. A mãe fez a observação salientando que temia que o filho tivesse as mesmas dificuldades do pai na infância.

Segundo Prado et al. (2012), há evidências em pesquisas atuais que apoiam a perspectiva de que a dislexia é familiar ou herdada. A equipe passou a considerar necessário procurar especialistas para realização de um diagnóstico, levantando-se a hipótese de dislexia, devido ao envolvimento com a leitura e a escrita e antecedentes familiares. Porém, o diagnóstico acertado da dislexia deve envolver análises mais detalhadas e aspectos neurológicos, sensoriais e psicológicos. Os profissionais consideraram ainda o estudante na fase de alfabetização, momento que pode ser precoce para o diagnóstico deste transtorno.

Durante o processo de investigação, a escola tomou conhecimento de um centro de avaliação e diagnóstico da Dislexia no interior do estado de São Paulo, sendo então a família informada sobre a importância de consultar um centro especializado em que poderia receber atendimento de uma equipe multiprofissional integrada e especializada, permitindo que fosse realizado um diagnóstico apropriado. A família consciente da importância de buscar informações sobre a situação da criança se dedicou durante um ano e meio em investigações no centro especializado e o estudante foi avaliado por profissionais especializados numa equipe composta por psicólogo, neurologista, fonoaudiólogo e psicopedagogo. Ao término das investigações se confirmou o diagnóstico Transtorno de Dislexia pelo referido aluno.

A escola, no entanto, durante o tempo que o estudante passava por avaliação, manteve-se preocupada com a aprendizagem da criança e procurou desenvolver um trabalho focado nas dificuldades apresentadas por ela e que levou a importantes ações que ajudaram no processo de aprendizagem, conforme afirma Lopes (2010) de que as dificuldades devem ser diagnosticadas e avaliadas o mais rápido possível para iniciar a intervenção.

Figura 2 - Fase pré-silábica da criança no final do primeiro bimestre de 2009.



Conforme a Figura 2, observa-se um ditado de palavras e sílabas com associações de desenhos, realizado em sala de aula ao final do primeiro bimestre de 2009. Naquele momento já se expressava alguns avanços na aquisição da escrita pela criança. O aluno demonstrou conhecer algumas letras do alfabeto, apesar de não conseguir escrever as palavras relacionadas aos desenhos bem como as sílabas que as compunham. Os problemas ou erros de escrita ainda comportavam grafia com confusão dos sons semelhantes, inversões, espelho, repetição e aglutinação de letras, de acordo com as distorções citadas por Topczewski (2010).

As providências de intervenção foram sendo tomadas pela escola antes e depois do diagnóstico. Uma das ações em prol de seu atendimento foi a adoção de formas diversificadas para realizar a avaliação da aprendizagem da criança, adaptando as provas escritas pelas provas orais e gravadas, permitindo-se avaliar o conhecimento adquirido em diferentes áreas e conteúdos pelo estudante. Um dos especialistas que atendeu a criança, assim que foram percebidas as primeiras dificuldades de escrita, foi o serviço de fonoaudiologia, que buscou reforçar as habilidades linguísticas, focando na relação fonema x grafema, na associação do som-símbolo-produção, e no jogo com a estrutura das palavras, possibilitando mais um

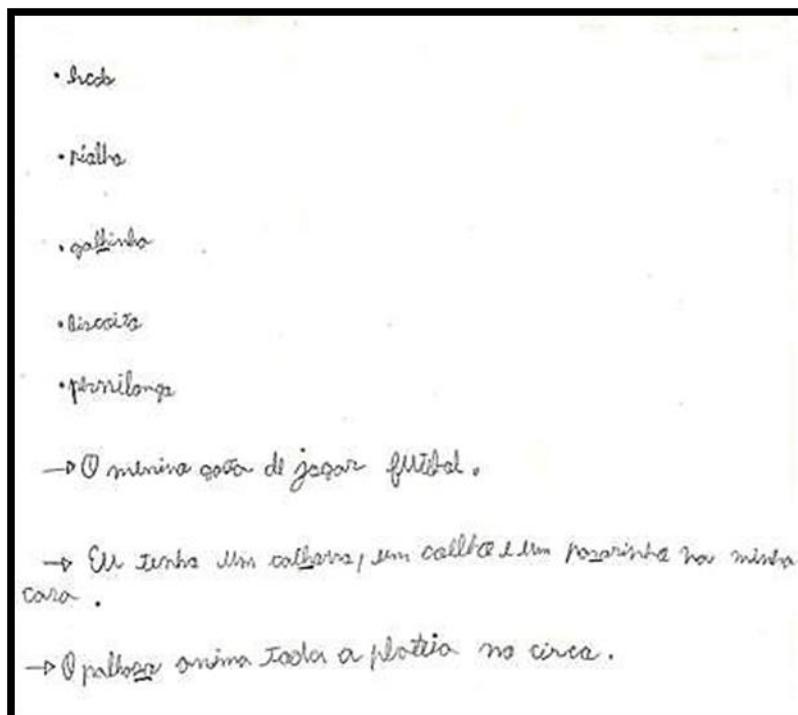
recurso na compreensão e reconhecimento dos sons das letras e da estrutura das palavras e do código alfabético.

De acordo com Farrel (2008), o professor deve esgotar todas as possibilidades pedagógicas, além de adequar do currículo para a criança, a fim de colaborar e incentivar no desenvolvimento do pensamento, do conhecimento e da socialização. Atendendo essa premissa aos alunos com dificuldades de aprendizagem, foram utilizados recursos concretos e visuais no cotidiano da prática pedagógica que pudessem melhorar a acessibilidade do aluno aos conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Além disso, buscou-se trabalhar as dificuldades mais frequentes da língua escrita, o que permitiu que o processo de construção deste e de outros conhecimentos contribuísse na superação da maioria das dificuldades encontradas pelo aluno. O apoio pedagógico, emocional e o incentivo da professora e de toda a equipe da escola com a criança e sua família foram relevantes durante o processo de aprendizagem.

Atualmente, essa criança, com 11 anos de idade, cursa o 5º ano do Ensino Fundamental I e está plenamente alfabetizada com domínio de leitura, escrita, interpretação e realizando a maioria das provas de forma escrita, respeitando-se o tempo e ritmo do aluno. Acredita-se que o maior objetivo da educação escolar é manter seus alunos em situação de constante aprendizagem frente às dificuldades enfrentadas pelas situações adversas.

A criança é constantemente acompanhada pela equipe multiprofissional escolar e ainda realiza sessões semanais com a fonoaudióloga, objetivando aperfeiçoamento da comunicação oral e escrita. Junto à psicopedagoga, desenvolve um trabalho de acompanhamento das tarefas escolares e, quando necessário, utiliza o atendimento para trabalhar dificuldades de concentração, leitura e ortografia decorrentes da especificidade do transtorno da Dislexia.

Figura 3 – Ditado realizado pela criança em 2013.



A Figura 3 mostra a escrita da criança nos dias atuais, demonstrando a sua superação frente às principais dificuldades de aprendizagem que foram apresentadas durante o período escolar do Fundamental I, no processo de aquisição da língua escrita. Observa-se que a criança desenvolveu a organização espacial e superou erros iniciais, como o espelhamento e inversão de letras e sílabas, além da repetição e aglutinação das letras e palavras. De acordo com as professoras, a criança melhorou consideravelmente a expressão oral e escrita e a interpretação.

A escola continua vivenciando o processo de aprendizagem, realizando um acompanhamento contínuo, aprimorando-se a cada dia que surgem novas situações, afinal, as dificuldades de aprendizagem sempre aparecerão, mesmo que de maneiras diferentes. As escolas, porém, devem estar preparadas para receber estas crianças e solucionar o problema da aprendizagem, independente do diagnóstico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O respeito, o entendimento e a investigação das dificuldades de aprendizagem, independente do transtorno associado na área educacional, devem pretender diminuir o índice

de repetência e de fracasso escolar. O sucesso e o fracasso escolar devem ser considerados de maneira integrada sobre os aspectos cognitivos, emocionais e motivacionais de aprender. Neste contexto, o olhar dos professores e da equipe escolar deve permitir a reflexão sobre o aprendiz, a fim de resgatar diferentes dimensões da sua aprendizagem para superação de suas dificuldades.

Investigar as dificuldades de aprendizagem precocemente possibilita avaliar o empenho e dedicação do ensino aos estudantes, independente do tipo da dificuldade de aprendizagem e da sua intensidade, este deve ser atendido em suas fraquezas por meio das adequações e intervenções pontuais sendo ou não diagnosticadas como um transtorno de aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem devem ser consideradas como uma diversidade de problemas educacionais e individuais dos alunos e é relevante compreendê-los sob a perspectiva escolar, familiar e social. Conhecer os diferentes contextos também permite uma melhor compreensão das dificuldades apresentadas pela criança, auxiliando no processo de viabilização de soluções. Com isso, é importante perceber também que o acordo e a ajuda mútua entre a escola e a família auxiliam no planejamento de um trabalho adequado com as principais dificuldades de aprendizagem do aluno, permitindo uma modificação do quadro deficitário da criança frente às aprendizagens escolares.

REFERÊNCIAS

APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV-TR**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ASSUMPCÃO JR., F. B.; KUCZYNSKI, E. Síndromes. **Transtornos do Aprendizado Escolar**, São Paulo, ano 2, n. 6, nov./dez. 2012.

FARREL, M. **Guia do professor: dificuldades de aprendizagem moderadas, graves e profundas. Estratégias Educacionais em necessidades especiais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LOPES, J. A. **Conceptualização, avaliação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem: a sofisticada arquitetura de um equívoco**. Braga, PT: Psiquilírio Edições, 2010.

MONTIEL, J. M.; CAPOVILLA, F. C. (org.). **Atualização em transtornos de aprendizagem**. São Paulo: Artes Medicas, 2009.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1991.

PRADO, D. G. A. et al. Dislexia e distúrbio de aprendizagem: histórico familiar. **Distúrb Comun**, São Paulo, v. 24, n.1, p.77-84, abril, 2012.

ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SPEAR-SWERLING, L.; STERNBERG, R. J. **Off track: when poor readers became learning disabled**. Boulder: Westview Press, 1996.

TOPCZEWSKI, A. **Dislexia, como lidar?** São Paulo: All Print, 2010.

VISCA, J. **Psicopedagogia: Novas Contribuições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.